
A comunicação comunitária da vida da árvore baobá Maria Gorda na Ilha de Paquetá¹

Felicity Clarke²

Raquel Paiva³

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo

O presente artigo visa investigar a comunicação comunitária da vida vegetal na Ilha de Paquetá, um pequeno bairro-ilha da cidade do Rio de Janeiro. Ao analisar as narrativas comunitárias de intersubjetividade e vinculação com as árvores no território sob um olhar comunicacional, o artigo se apoia nas teorias da comunicação comunitária, a fim de incluir a vida vegetal, base de toda a vida no planeta Terra, uma tarefa urgente diante da crise climática. A partir do estudo de caso da árvore baobá centenária chamada Maria Gorda, e operando com as teorias da comunicação comunitária, da comunidade de afeto e gerativa, da filosofia das plantas e das cosmovisões indígenas de inter-relação e subjetivação do mundo, o artigo explicita a inscrição da vida vegetal em uma cultura humana urbana. Dessa forma, apresenta possibilidades de abertura do sujeito para o mundo vivo em tempos de extinção.

Palavra-chave: comunicação comunitária; plantas; comunidade; multiespécies

Em um contexto de crescente emergência climática, resultado de séculos de exploração colonialista e capitalista da vida no planeta Terra, torna-se urgente e relevante a busca por formas alternativas de se relacionar com a vida na sua multiplicidade. Enquanto a experiência humana é cada vez mais mediada por meios e plataformas digitais, regida pela lógica mercadológica da mineração de dados, a vida vegetal segue sustentando a Terra, ainda ameaçada e explorada pelas atividades humanas. Este artigo visa investigar a comunicação comunitária da Ilha de Paquetá que promovem e orientam o reconhecimento e a abertura para as vidas das plantas, fomentando a produção de subjetividades e a experimentação de vínculos afetivos com a alteridade vegetal no território, com foco na árvore baobá Maria Gorda.

A virada vegetal nos tempos de extinção

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: msfelicityclarke@gmail.com

³ Professora Titular da Escola de Comunicação da UFRJ e do PPGCOM da ECO/UFRJ. Av. Pasteur, 250. Urca. Rio de Janeiro (RJ). E-mail: paivaraquel@hotmail.com

A vida das plantas tem recebido crescente atenção nas ciências biológicas e ecológicas, na busca por compreender e explicitar os processos dos seres que constituem a base da vida terráquea. Em paralelo às descobertas científicas sobre como as plantas se comunicam e vivem, os diálogos filosóficos sobre a ontologia da vida vegetal têm se expandido nos últimos 15 anos, com o que Emanuele Coccia (2018) denomina de 'virada vegetal'. Nas ciências humanas, a antropologia das culturas de povos originários, em relação às plantas, se destaca, especialmente pela subjetivação radical do mundo através das cosmovisões perspectivistas indígenas (Viveiros de Castro, 2017, 2023). Essas abordagens têm revelado as potencialidades previamente desconhecidas das plantas e a relação humana com elas, bem como ampliando nosso entendimento sobre essa alteridade radical, a qual se torna cada vez mais urgente diante das tendências ecocidas do capitalismo globalizado.

Junto a essa tendência crescente nas ciências biológicas, surge também a contemplação filosófica das plantas. Como destaca Karen L. F. Houle (2011), os seres vivos que sustentam toda a vida no planeta Terra foram historicamente ausentes da tradição filosófica ocidental, que foi dominada pelo pensamento binário homem-animal. As tentativas de romper com esse paradigma e de pensar o vegetal — considerando a ausência de um sistema nervoso centralizado, a exterioridade corporal, as interações formadoras do ambiente, bem como suas temporalidades e espacialidades, tão distintas dos fluxos humanos — têm se intensificado nas últimas décadas. Autores como o filósofo Emanuele Coccia (2018), com suas reflexões poético-filosóficas sobre a forma do ser-no-mundo das plantas, e o botânico Stefano Mancuso (2021), ao contemplar os direitos dos sujeitos sustentadores vegetais, apresentam reflexões que propõem a descentralização da inteligência humana e buscam o reconhecimento da alteridade do sujeito da árvore.

O modo de constante inter-relação com o mundo, contemplado na filosofia das plantas, encontra ressonância nas culturas humanas dos povos originários do Brasil. Como afirma Eduardo Viveiros de Castro (2023), enquanto a ciência ocidental procede pela objetivação dos fenômenos, a ciência indígena opera a partir da subjetivação radical do mundo. Nas cosmovisões indígenas, as subjetividades se formam em uma relação necessária com o outro (Viveiros de Castro, 2017). Ao conceber a diferença não como

essência, mas como algo relativo ao comum, o perspectivismo indígena recusa a divisão entre eu/outro, sujeito/objeto, homem/natureza que fundamenta a tradição filosófica ocidental: “Afinidade relacional, e não essência substancial, era o valor a ser afirmado” (Viveiros de Castro, 2017, p. 206).

A atenção às cosmovisões alternativas aponta para as potencialidades existentes nas culturas humanas de repensar as formas de se relacionar e criar novas maneiras de *viver-com*. Frente às extinções em curso, aos desastres climáticos e à falência dos modelos hegemônicos de exploração para sustentar a vida terráquea, as alternativas relacionais de pensar e viver tornam-se cada vez mais urgentes. Donna Haraway (2023) nos convoca a encarar a ameaça existencial da vida humana e “ficar com o problema”, promovendo práticas de fabular, imaginar e criar linhas de conexão com outras espécies ao “fazer parentescos estranhos”. Sua convocação para abrir espaço à imaginação e à criatividade remete à chamada poética de Ailton Krenak em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020) de enfrentar a queda do mundo humano:

Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos. (Krenak, 2020, p. 30)

A mediação, fabulação e subjetivação da árvore baobá nas comunicações comunitárias da Ilha de Paquetá apresentam-se como uma forma de analisar as possibilidades de *fazer parentescos estranhos e construir paraquedas coloridos* em uma cultura territorial nas margens do espaço urbano.

Comunicação comunitária humana-árvore

Fazer parentesco implica a vinculação e o núcleo teórico da comunicação, entendida pelo pensador comunicólogo brasileiro Muniz Sodré como “a apreensão do ser-em-comum” (2002, p. 223). Diante do contexto atual de emergência climática, aliado à lógica neoliberal dominante de hiperindividualismo e consumo, as formas de viver-com e de formar vínculos com a vida terráquea em sua multiplicidade heterogênea tornam-se cada vez mais urgentes. Por ser a ciência do comum (Sodré, 2014), cujo

objeto é a vinculação humana, pensar o objeto-sujeito da vida vegetal sob uma perspectiva comunicacional apresenta o potencial de conectar os campos e trazer novas perspectivas para a experimentação do laço vivo entre o humano e o não-humano.

Ao aprofundar-se nas questões relacionadas à comunicação e à comunidade no seu livro *O espírito comum* (1997), Raquel Paiva conceitua a produção de comunicação a partir da experiência comum e das novas possibilidades de sociabilização fomentadas pela comunicação comunitária, com base nas relações intersubjetivas. Esse processo exige uma inclinação para o outro, sendo que, para a autora, a comunidade representa “o nós que acontece enquanto ser-juntos da alteridade” (1997, p. 82).

Paiva destaca as possibilidades criativas advindas da complexidade do ser-em-comum, além das potencialidades da comunicação comunitária de possibilitar a experimentação de laços e vínculos com o outro, com os não-humanos, com o território e com a natureza (2007, p. 136). Nesse sentido, a comunicação comunitária visa “construir o mundo real, embora como um lugar que atendesse ao imaginário do grupo” (Paiva, 1997, p. 67). Tal perspectiva confere uma dimensão estética às narrativas produzidas e integradas à vida comunitária, atribuindo à função de comunidade um caráter afetivo (Gabbay, 2023, p. 78).

A partir dos conceitos de comunicação comunitária desenvolvidos por Paiva, Marcello L. Gabbay (2023) elabora a possibilidade simbólica da “comunidade do amor”, destacando a vinculação humana fundamentada nos afetos e nos movimentos de atração e repulsão presentes na experiência comum, no plano cotidiano.

Nas comunicações comunitárias estabelecidas na Ilha de Paquetá, observa-se uma valorização explícita do amor pelo território, com placas pintadas à mão que transmitem mensagens como “Tudo por amor a Paquetá” e “Não basta gostar de Paquetá, ame-o”. O imperativo de reconhecer e amar também se estende à natureza e às plantas, como evidenciado nas inscrições “Amai as árvores” e “Escute a natureza”.

As árvores na vida comunitária da Ilha de Paquetá

Localizada nos fundos da Baía de Guanabara, a 17 km do centro do Rio de Janeiro, Paquetá é um arquipélago composto por ilhas pequenas, sendo a maior delas a Ilha de Paquetá, com uma área de 1,2 km². A ilha apresenta marcas visíveis da depressão tectônica que formou a Baía de Guanabara, e é coberta por vegetação de Mata Atlântica, frequentada por uma grande variedade de espécies de aves. A Ilha de Paquetá possui, atualmente, 3.612 habitantes humanos, conforme o IBGE Censo de 2022, além de ser um destino turístico muito visitado, especialmente por moradores dos subúrbios da cidade e da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, que a frequentam principalmente em passeios diurnos.

Do ponto de vista administrativo, Paquetá é um bairro do município do Rio de Janeiro, sendo sub-bairro do Centro da cidade. Com acesso exclusivo por embarcações aquaviárias que partem do centro da cidade, a delimitação geográfica da ilha e sua história ao longo dos últimos séculos, associada ao seu uso como refúgio de descanso e veraneio, conferem-lhe características predominantemente não urbanas. O sossego das ruas, livres de carros e sem asfalto, o ritmo de vida mais lento e o senso de segurança contrastam com a agitação e a intensidade da metrópole da qual faz parte.

As especificidades desse perfil, abundante de belezas naturais e paisagens bucólicas, literalmente ilhada da cidade mas desenvolvido dentro e em relação a ela, fez com que a ilha estabelecesse uma cultura forte de valorização e preservação da natureza. As letras do hino da ilha, Luar de Paquetá, com letras do poeta e morador da ilha Hermes Fontes (1888-1930) apontam:

Lembra a ilha um ninho oculto
Onde o amor celebra em culto
Todo encanto que o rodeia

O encantamento e amor pela natureza da ilha vem sendo inscritos expressivamente na cultura e comunicações comunitárias da ilha ao longo dos últimos ao menos 120 anos.

A primeira Festa das Árvores de Paquetá foi realizada em 1904 (Cardoso de Andrade, 2008), com eventos semelhantes sendo promovidos ao longo do século XX. A organização comunitária Liga Artística de Paquetá (1922-1946) atuou em diversas

frentes em prol da preservação da natureza, realizando manifestações culturais, promovendo o plantio e a proteção das árvores, além de realizar intervenções paisagísticas e ações estratégicas de valorização da vida das árvores e dos pássaros da ilha (Azicoff, 2000). A continuidade desse trabalho é evidente na manutenção, pelos moradores da ilha, do Cemitério dos Pássaros, bem como na produção e manutenção contínua de placas e comunicações no ambiente, que pregam o amor pela vida não humana.

Neste contexto, destaca-se o significado da árvore baobá localizada na Praia dos Tamoios, a curta distância da estação de barcas. O baobá embondeiro, com o nome científico *Adansonia digitata* L., é nativo da savana africana, onde cresce de forma alta e distinta, possuindo múltiplos usos para os seres humanos, como proteção contra o sol, alimentação (frutas, sementes, flores, raízes e casca), medicina tradicional, vestuário e matéria-prima para diversos itens (Rahul *et al*, 2015). Os baobás são algumas das plantas mais antigas do planeta, podendo viver até 3.000 anos. Sua longevidade, resiliência e versatilidade conferiram-lhe uma grande variedade de mitos e fabulações nas culturas africanas, sendo amplamente conhecida como a "árvore da vida".

A maior atração turística da Ilha de Paquetá, o baobá embondeiro impressiona por suas dimensões, com um tronco gigantesco e galhos que se estendem em todas as direções. Várias placas ao seu redor sinalizam a árvore, destacando, em uma placa pintada à mão pendurada no galho, que ela se chama Maria Gorda, datada de 1627. A placa instalada sobre suas raízes conta a lenda:

Sorte por longo prazo a quem me beija e respeita
Sete anos de atraso a qualquer maldade a mim feita
O BAOBÁ

A subjetivação explícita da planta e o convite ao contato corporal afetivo incitam os visitantes a interagir com o sujeito da árvore. Muitos a beijam, abraçam e tiram fotos. Alguns se aprofundam na pesquisa online e encontram a lenda de Maria Apolinária nas mídias comunitárias da ilha (Ilha de Paquetá, 2011; Paquetaense YouTube, 2024). Segundo a lenda, Maria Apolinária era uma jovem escravizada, forçada a trabalhar na casa de um português da ilha, e nunca se conformava com a ingratidão dos portugueses, que nunca reconheciam o trabalho dos negros africanos na construção e manutenção da

ilha. Ela rezava para os orixás, pedindo que essa memória fosse marcada na própria natureza da ilha. A lenda conta que, no dia em que Maria Apolinária faleceu, apareceu o baobá em frente à casa onde trabalhava.

A comunidade de afeto

A subjetivação das árvores — como no caso de Maria Gorda, que recebe nome, data de nascimento, história humana e a lenda de inter-relação — inscreve de forma afetiva a vida vegetal no seio da comunidade territorial. Ao destacar a pessoa-árvore Maria Gorda por meio de placas e fabulações, a comunicação comunitária em torno do baobá opera a partir de sua inclusão no que a Paiva conceitua como a “comunidade do afeto”.

No comunidade de afeto, o sensível assume lugar primário na conscientização, como a Paiva explicita: “antes do processo de reflexão e de crítica, o sujeito precisa maravilhar-se, ser tocado pela possibilidade de as coisas, os objetos, as situações serem nomeadas pela linguagem” (Paiva, 2021, p. 84).

O sensível é capaz de “tocar o sujeito”, despertar o encantamento e sensibilizar, num primeiro momento, no plano das emoções. Esse primeiro toque no sensível torna-se uma via de acesso ao pensamento crítico e as conexões racionais, assim levando à possibilitar a transformação:

Para se referir a ambiência do mundo atual, a primeira etapa em direção à implementação de uma comunidade do afeto é a atuação dentro desse espectro sensível, com narrativas transformadoras, próximas, conectadas com real histórico e que sejam capazes de emocionar, num primeiro momento, mas sejam geradores e propulsores de pensamento crítico. Dessa forma, resgata-se a dimensão da comunicação e da produção e consumo de novos formatos de narrativas. (p. 92)

As narrativas da árvore baobá Maria Gorda, tal como a placa que estimula o contato corporal quanto a lenda da reencarnação da rainha africana escravizada Maria Apolinária, são explícitas na afetação. Segundo as placas, a árvore tem quase 400 anos, o que coloca em perspectiva a relativamente breve duração da vida humana diante da continuidade da vida vegetal, que se estende por séculos. A legenda parece convidar ao contato corporal e à interação intersubjetiva, ainda que apenas explicita as consequências de como o “eu” da árvore é tratado.

O beijo é apresentado como uma expressão de afeto por meio do contato físico — realizado pela boca, órgão da fala e da respiração —, e tal interação com a árvore, segundo o próprio baobá, traria boa sorte. Em contraste, qualquer forma de maus-tratos resultaria em atraso: uma forma de punição na qual o sujeito é retido, desacelerado e impedido de crescer. O avanço, o progresso, o crescimento e a boa sorte estão, assim, associados ao tratamento das árvores com afeto, respeito e cuidado.

Enquanto forma de comunicação humana da subjetividade da árvore, a mensagem revela uma intenção pedagógica de afetar o sujeito humano por meio do reconhecimento e do contato corporal, ao mesmo tempo em que expressa uma ética comunitária e uma valorização da vida vegetal.

A lenda de Maria Apolinária atribui ao baobá uma origem humana vinculada à ancestralidade afro-brasileira, subjetivando a árvore de origem africana no contexto da história colonial, escravocrata e exploratória do Brasil. A narrativa estabelece uma conexão orgânica e viva com a memória afetiva da experiência negra africana em Paquetá. Dessa forma, a lenda atua como uma forma de comunicação comunitária alternativa aos processos oficiais de nomeação e construção de histórias associadas a marcos, ruas e ao ambiente urbano — elementos que, em grande medida, preservam e perpetuam a memória da colonização européia branca.

Comunidade gerativa com a alteridade vegetal

A inscrição comunicacional da árvore africana, enraizada no território de Paquetá e na cultura humana da ilha, representa uma abertura para o reconhecimento da vida do outro vegetal. As formas de comunicação que envolvem o nome, a idade, a história e o poder do contato corporal interativo conferem à Maria Gorda personalidade e cidadania no contexto da comunidade paquetaense. Segundo o botânico e filósofo Matthew Hall (2022), a inscrição na cultura humana é fundamental para a abertura ao afeto e ao reconhecimento da vida das plantas, bem como de sua alteridade radical.

Em “Políticas das minorias: comunidade e cidadania”, Paiva afirma que “dentre os maiores desafios da contemporaneidade, o principal está centrado no problema do estabelecimento de regras, padrões, normas, afetos, enfim, na aceitação radical do outro” (2015, p. 175). Na conceituação da comunidade gerativa e a busca de alternativas da individualização atomizada do neoliberalismo, a autora destaca as formas de sociabilidade e vinculação nas práticas locais que reformula a estrutura social a partir dos valores de aceitação, convivialidade, diferença/igualdade, inclusão, compartilhamento, pertencimento, diálogo, e comunicação (p. 179).

A comunicação comunitária da subjetivação radical da árvore baobá Maria Gorda promove valores de inter-relação e de vinculação social com as plantas, os quais correspondem à vinculação biológica simbiótica que fundamenta toda a vida no planeta Terra. A intersubjetividade com as árvores tem como base a realidade elementar de que a vida humana é mediada pelas plantas. São elas que transformam a luz solar em matéria orgânica e em ambiente, constituindo o fundamento de todo o processo vital dos animais. Como aponta o filósofo italiano Emanuele Coccia (2018), as mediações originárias da vida são constantemente conduzidas pelos seres vegetais.

A planta exerce o papel de mediadora entre o Sol e o mundo animal. A planta, ou mais precisamente seu órgão mais característico, o cloroplasto, é o elo que conecta a atividade de todo o mundo orgânico — tudo aquilo que chamamos de vida — ao centro de energia do nosso sistema solar: essa é a função cósmica da planta. (2018, p. 87)

Assim, as plantas constituem a comunidade gerativa da vida. Ao comunicar a vida das árvores, a comunicação comunitária de Paquetá gera os afetos e as vinculações que se alinham com a imersão no mundo que define a vida (p. 66). Como aponta a placa da lenda da Maria Gorda, a relação humana com o “eu” das árvores é determinante para o futuro humano.

Os vínculos afetivos e gerativos da comunidade humana de Paquetá com os baobás se evidenciam nas mobilizações locais para proteger e preservar as árvores. Maria Gorda foi ameaçada por um vazamento de esgoto em 2010, noticiado no jornal *O Globo* que “a

solidariedade à árvore fez com que fosse formada uma rede de pessoas envolvidas na ajuda à Maria Gorda" (Costa, 2010).

Em 2020, a jovem árvore de baobá João Gordo foi cortada, causando indignação entre os moradores, mas foi com sucesso replantada. Em entrevista ao jornal *Diário do Rio*, a moradora e membro do grupo Plantar Paquetá, Márcia Kevorkian, falou da contínua inclusão e incorporação da vida vegetal na comunidade de Paquetá: “muitos João, muitas Maria sempre estarão germinando em nós. É vida, é tesão, é amor. Permanece. Perpetua. Isso não se acaba” (Fernandes, 2020).

As narrativas afetivas, comunicações no território e mobilizações comunitárias sugerem uma relação intersubjetiva com os sujeitos vegetais. Sugere-se que as orientações afetivas em direção às árvores representam uma abertura do sujeito - segundo Eduardo Yamamoto, a grande questão comunicacional (2014, p. 451) - mediada socioculturalmente pelas narrativas formadas na cultura sociocultural-ambiental do território, constituindo uma comunicação contra-hegemônica de comunidade multiespécie gerativa.

Referências

A Lenda da Maria Gorda - Ilha de Paquetá-RJ, **Youtube**, 2024. Publicado pelo canal Paquetaense. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7AHikdRC2rs>. Acesso em: 27 jan. 2025

AZICOFF, J. **Pedro Bruno seus discursos e fotos raras**. Rio de Janeiro: Academia de Artes, Ciências e Letras da Ilha de Paquetá, 2000

CARDOSO DE ANDRADE, J. **Paquetá: Registros da primeira “Festas das Árvores e de seu centenário”**. Rio de Janeiro, 2008.

COCCIA, E. **The life of plants: a metaphysics in mixture**. Cambridge: Polity, 2018.

COSTA, J. Baobá em Paquetá tombado pelo patrimônio histórico é ameaçado por vazamento de esgoto. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 jun. 2010. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/rio/baoba-em-paqueta-tombado-pelo-patrimonio-historico-ameacado-por-vazamento-de-esgoto-2996586>. Acesso em: 10 mai. 2024.

FERNANDES, Raphael. Baobá João Gordo, em Paquetá, amanhece cortado e causa revolta em moradores. **Diário do Rio**, Rio de Janeiro, 1 ago. 2024. Disponível em: <https://diariodorio.com/baoba-joao-gordo-em-paqueta-amanhece-cortado-e-causa-revolta-em-moradores/>. Acesso em: 10 mai. 2024.

GABBAY, M. M. Por uma comunidade de amor. In: RIBEIRO DOS SANTOS, C. H.; BULCÃO, L. (org). **Espíritos utópicos**: a regeneração do comum. São Roque, SP: Gênio Editorial, 2023, p. 68-80.

HARAWAY, D. J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chthluceno. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

HALL, M. Empathy for Plants. **Environmental Ethics**, Texas, 2022, v. 44, n. 2, p. 121–136. DOI: 10.5840/enviroethics20225237. Acesso em: 2 ago. 2024.

HOULE, K. L. F. Animal, vegetable, mineral: ethics as extension or becoming? The case of Becoming-Plant. **Journal for Critical Animal Studies**, New York, v. 9, n. 1/2, 2011.

ILHA DE PAQUETÁ, **Lenda da Maria Gorda**, 17 set. 2011. Disponível em: <https://ilhadepaqueta.wordpress.com/2011/09/17/maria-gorda-baoba-paqueta/>. Acesso em: 4 abr. 2024.

MANCUSO, S. **The nation of plants**. Tradução de Gregory Conti. London: Profile Books, 2021.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

PAIVA, R. **O espírito comum**. Rio de Janeiro: Editora MAUAD, 1997.

_____, Política de minorias: comunidade e cidadania, Trabalho apresentado no **NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias**, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002

_____, **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Editora MAUAD, 2007

_____, A comunicação comunitária e a utopia freireana. In. DA SILVA, D. T.; NABARRETE BASTOS, P.; MIANA, R. A.; DE AGUIAR SILVA, S. (org.). **Comunicação para a cidadania**: 30 anos em luta e construção coletiva. São Paulo: Intercom e Gênio Editorial, 1ªed., 2021. p. 77-99.

RAHUL J *et al.* *Adansonia digitata* L. (baobab): a review of traditional information and taxonomic description. **Asian Pacific Journal of Tropical Biomedicine**, Hainan, v. 5, n. 1, p. 79-84, jan. 2015. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S222116911530174X>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SODRÉ, M. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Editora Vozes. 2014.

_____, **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Ubu, 2017.

_____, Subjetivação radical do mundo. **Cadernos selvagem**, Rio de Janeiro, 2023.

Disponível em:

https://selvagemciclo.org.br/wp-content/uploads/2023/10/CADERNO76_VIVEIROS_DE_CASTRO.pdf. Acesso em: 1 out. 2024.

YAMAMOTO, E. Y. O conceito da comunidade na comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 438-458, 2014.